

## A CIDADE E AS ESCRITAS URBANAS

BÁRBARA DE BÁRBARA HYPOLITO<sup>1</sup>; EDUARDO ROCHA<sup>2</sup>

<sup>1</sup>PROGRAU / UFPEL – barbarahypolito@hotmail.com

<sup>2</sup>PROGRAU / UFPEL – amigodudu@pop.com.br

### 1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa vincula-se à dissertação de mestrado em andamento, na Área de Arquitetura e Urbanismo, intitulada “O corpo espontâneo inserido na cidade dura” e tem como objetivo analisar articulações entre corpo e cidade; lançando um olhar investigativo sobre a cidade contemporânea (SECCHI, 2006; MAGALHÃES, 2007) e as experiências urbanas (AGAMBEM, 2009; JACQUES, 2008), possibilitada por sua configuração espacial; tendo nas escritas urbanas (*graffiti*, pichação, etc.) um dispositivo capaz de propor hipóteses acerca da sua qualidade em *afectar* a leitura do espaço urbano e dos corpos em um constante processo de desterritorialização e reterritorialização (DELEUZE; GUATTARRI, 1995) durante a experiência urbana. A relação que os corpos estabelecem no espaço urbano e as forças geradas mutuamente é o que trata a corpografia urbana (JACQUES, 2008), estudo ao qual se alia esta pesquisa, permitindo ler o ambiente urbano a partir da experiência do corpo no seu espaço de deslocamento e vivência cotidiana – a cidade.

### 2. METODOLOGIA

A pesquisa tem cunho qualitativo e utiliza-se do método cartográfico (ROLNIK, 1989; KASTRUP, 2010) - apostando na experimentação do pensamento e dando voz aos afetos que pedem passagem, mergulhando nas intensidades deste nosso tempo, atentando às linguagens encontradas e devorando aquelas que parecem elementos possíveis para a composição desta cartografia. Os procedimentos adotados foram pesquisa de campo, levantamento fotográfico, conversa-observação *in loco*, revisão bibliográfica, análise do Filme Documentário Pixo<sup>1</sup> (2009) e estudo de caso na cidade de Pelotas/RS.

O processo pretende criar um repertório acerca das características do sistema configuracional urbano das cidades contemporâneas permitindo uma análise da experiência urbana na cidade de Pelotas/RS a partir da relação que os corpos estabelecem com o *graffiti* aproximando-os aos princípios de desenho urbano de AZEVEDO (2012) e SECCHI (2006). Os resultados apresentados são parciais, visto que o estudo encontra-se em andamento, dando sequência a pesquisa de mestrado. O mapa encontra-se em construção.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As escritas urbanas (*graffiti* e pichação) são intervenções que se utilizam da cidade e da arquitetura como suporte e instrumento de ação, comunicação e protesto. São elementos que interferem constantemente no cotidiano da experiência urbana, na construção e leitura da cidade e na constituição de

<sup>1</sup> PIXO. Filme documentário. Dir: João Wainer e Roberto T. Oliveira. São Paulo: Sindicato Paralelo Filmes, 2009. (61 min.) son., color.

Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=SW-h8w2SIhw>> Acessado em: 01 de setembro de 2013.

sujeitos no contexto urbano e social das cidades contemporâneas; relacionando escrita, arte, urbanismo, práticas sociais, desejos e criação de espaços relacionais. São discursos visuais *na* e *da* cidade e implicam diferentes relações ético-estéticas (GUATARRI, 1990) no desenho urbano e na experiência do corpo pela cidade; caracterizam-se por uma linguagem própria marcada pela necessidade de expressão e transgressão, e por meio da qual alguns grupos almejam transformar a realidade social.

O *graffiti* e a pichação são termos popularmente associados, no entanto, diferenciam-se em muitos aspectos, principalmente, segundo Ramos (1994) na linguagem empregada, na estética e na forma de apropriação dos espaços urbanos. Ao *graffiti* associa-se uma preocupação estética na ação, interessa aqui o processo de criação, com enfoque ao produto final valorizando o resultado do trabalho e o espaço em que se está inserindo. Quem produz arte, transforma a realidade, cria outras possibilidades de existência num ato de criação e recriação, de si mesmas e de quem é atingido.

A produção da arte urbana modifica a vivência cotidiana do sujeito com a cidade que habita, aumentam às possibilidades da relação corpo-cidade, produz novos sentidos, participando no processo de construção de sujeitos e na produção de suas subjetividades; “construindo uma cidade sempre em *devir*” (FURTADO, 2009, p. 1290), um constante *vir a ser*.

A pichação como conceito é um produto brasileiro designado para os escritos urbanos compostos por letras estilizadas, com poucas cores e de rápida reprodução, com enfoque ao ato (tem um tom de protesto e de reconhecimento). O filme documentário *Pixo* (2009) aborda sobre essa forma única de expressão na cidade de São Paulo, a partir de relatos de pichadores, fotógrafos e artistas sobre a experiência do *Pixo* e sua repercussão. Na fala do fotógrafo Choque (2009) estão as origens da pichação no Brasil:

A primeira pichação no Brasil é a pichação política contra a ditadura que começou na década de 60, que era o típico ‘abaixo a ditadura’ [...], era uma estética legível para qualquer alfabetizado ler. Depois [...] vieram as pichações poéticas que como o próprio nome diz são frases poéticas. No começo da década de 80, sendo um desdobramento do movimento punk, que também era pichação de cunho político, vem a pichação de São Paulo que é um pouco mais focado no ego no pichador (CHOQUE, In: Filme Documentário *PIXO*, 2009)

O fotógrafo salienta ainda que a cidade de São Paulo se tornou um “agente verticalizador das letras” (CHOQUE, 2009), ou seja, a escrita da pichação segue as linhas guias da cidade, como se esta fosse um grande caderno de caligrafia aonde os pichadores vão preenchendo os espaços. A estética da escrita está na elaboração das marcas:

O pichador busca originalidade na criação dos letreiros,[...]. Quando a pichação surgiu na década de 80, esses jovens eram muito influenciados pela cultura do heavy metal, punk rock, hardcore, rock. Eles se inspiraram para criar o logo deles nos logos das bandas de rock, e por sua vez, esses logos foram inspirados nas runas anglo-saxônicas de milhares de anos atrás, e na verdade, essas runas são o primeiro alfabeto da Europa, [...] não é uma simples cópia das runas é uma criação, uma evolução em cima disso. É impressionante como a escrita de povos bárbaros de milhares de anos atrás migrou para São Paulo, para os povos bárbaros de São Paulo, os pichadores. (CHOQUE, In: Filme Documentário *PIXO*, 2009)

Outros relatos demonstraram as motivações do movimento, que se dão pela busca de adrenalina, reconhecimento, rebeldia, para que sejam visualizados nas ruas mais movimentadas da cidade; sempre fugindo da polícia e da ilegalidade dessa ação de protesto, afirmada na frase 'Arte como crime, crime como arte'. O pichador é categorizado de acordo com o local de aplicação do Pixo, existem os que se utilizam de muros, janelas, prédios ou escaladas – que é o top de linha dentre as categorias – e aqueles que fazem todos os tipos; o que importa é a quantidade; quanto mais letreiros existirem na cidade, com o logo de uma *crew* (grupo de pichadores) ou do próprio pichador, mais reconhecimento terá.

A pesquisa de campo na zona portuária (próxima à zona universitária) da cidade de Pelotas/RS, acompanhada de levantamento fotográfico, demonstrou a intensidade dessas manifestações em muros abandonados, equipamentos urbanos e fachadas privadas, que vão desde a pichação de cunho poético, passando pelas de cunho político e letreiros com as logos das *crews* até o *graffiti* de desenhos dos mais diversos. As escritas de cunho poético parecem querer lembrar a sociedade da beleza e das potências de se viver em comunidade; as de cunho político alertam para a miséria, a diferença social instaurada, o crime e os movimentos político e sociais. O *graffiti*, se mostra mais como arte urbana, abusando de cores e texturas com imagens abstratas ou realistas.

Todas essas manifestações passam a entrar na dinâmica urbana de forma interativa (GITAHY, 1999) evidenciando as *desimportâncias* urbanísticas (RAMOS, 1994), assim como o flagra de que as cidades se desenvolvem sem atender as demandas reais de sua sociedade. Arquiteturas abandonadas, muros, fachadas, tapumes, prédios públicos e privados são alvos dessas expressões. Segundo Guilherme (grafiteiro pelotense, em entrevista realizada no dia 08 de agosto de 2013 pela autora dessa pesquisa) o *graffiti* "traz a galeria de arte pra rua, aos olhos de todos, gratuita e disponível a todos aqueles que circulam pela cidade" (GUILHERME, 2013).

O *graffiti* e a pichação criticam a estrutura da cidade, suas territorialidades, suas regulamentações, seus espaços definidos de expressão, comunicação e diálogo, e constituem linhas de fuga e resistência dentro das propostas padronizadas, funcionais e restritivas de organização urbana. (FURTADO, 1994, p.1294)

O *graffiti*, então, questiona os territórios, as regulamentações impostas ao espaço, à estrutura e à imagem da cidade, se fazem na incerteza da duração, do olhar, do apagamento, da resistência e dos significados que causarão.

Um estudo de caso, sobre a aplicação de *graffiti* em fachada privada (Bairro Areal, Pelotas/RS) foi realizado. Entrevistas com a proprietária e com o grafiteiro averiguaram modificações da relação dos moradores, vizinhos e transeuntes do espaço público acerca da experiência. Os resultados, segundo a proprietária, são de que o *graffiti* possibilitou a identificação da casa, gerou a aproximação, de vizinhos e transeuntes, e aumentou o diálogo (ALLEMAND, 2013). Ela considera a importância de inserir a arte ao meio ambiente, no cotidiano das pessoas que passam a ter um contato direto com as artes plásticas.

Parece que as pessoas percebem mais a casa, e a gente. Antes eu notava uma barreira. Porque a nossa casa fica bem numa zona de fronteira, no bairro Leocádia, na esquina onde uma rua é de chão batido e a outra é pavimentada, e o *graffiti* passou a estabelecer uma relação de inclusão com os vizinhos. (ALLEMAND, 2013)

O artista responsável pela pintura (GUILHERME, 2013) argumentou que sua intenção é mudar a rotina das pessoas e deixar a cidade mais colorida, revitalizando-a; salienta também que a primeira reação do público é de surpresa, de resistência, e que depois se acostumam e se apropriam, interagindo de forma eficaz com os espaços públicos de intervenção.

#### 4. CONCLUSÕES

Apesar de cada vez mais dura, a cidade ganha vida com a arte inscrita em seus muros e abandonos. Ela é o lugar de atuação, de constituição de práticas e de redes coletivas de significação (FURTADO, 2009) tendo no *graffiti* a produção de outra cidade contida nela própria. Numa atividade onde o artista, grafiteiro, 'rouba', 'se apropria' de um muro, uma fachada, e devolve um espaço revitalizado à comunidade, que responde dialogando, questionando, deixando seus corpos serem invadidos pela surpresa e pelos novos sentidos que lhe causarão.

A arte e a escrita urbanas são manifestações da contemporaneidade que contribuem com a reflexão sobre as relações entre arte, estética, intervenção e constituição de sujeitos no âmbito da experiência urbana, possibilitando novas formas de os indivíduos habitarem, se expressarem e se relacionarem com o meio urbano - a cidade. Elas evidenciam problemas e a necessidade de expressão de uma parte da sociedade que vê suas vozes silenciadas pelo poder.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGANBEM, Giorgio. ***O que é contemporâneo? E outros ensaios***. trad. Vinicius Nacastro Honesto. Chapecó, SC: Argos: 2009.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARRI, Felix. ***Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia***. Vol. 1. São Paulo: 34 Ltda, 1995.
- FURTADO, Janaína; ZANELLA, Andréia Vieira. ***Graffiti e cidade: sentidos da intervenção urbana e o processo de constituição dos sujeitos***. In: Revista Mal-estar e Subjetividade – Fortaleza – Vol. IX – Nº 4 – p. 1279-1302 – dez/2009.
- GITANY, C. ***O que é graffiti***. São Paulo: Brasiliense, 1999. Coleção primeiros passos.
- GUATTARRI, Félix. ***As três ecologias***. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 1990.
- KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo; ESCÓSSIA, Liliana. (orgs). ***Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade***. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- JACQUES, Paola Berenstein; BRITO, Fabiana Dultra. ***'Corpografias urbanas: relações entre o corpo e a cidade'***. In: LIMA, Evelyn F. Werneck (org.). ***Espaço e teatro: do edifício teatral à cidade como palco***, Rio de Janeiro: 7letras, 2008.
- MAGALHÃES, Sérgio Ferraz. ***A cidade na Incerteza: Ruptura e continuidade em urbanismo***. Rio de Janeiro: Ed. PROURB, 2007.
- RAMOS, Célia Maria A. ***Grafite, pichação & Cia***. São Paulo: Annablume, 1994.
- ROLNIK, Suely. ***Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo***. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.
- SECCHI, Bernardo. ***Primeira Lição de Urbanismo***. São Paulo: Perspectiva, 2006.